

Memórias escolares-educacionais nos processos de subjetivação de homens gays na ci(s)dade de Severiano Melo

 Emmanoel Holanda ¹,  Candida Dantas ²,  Betânia Amorim ³

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPgPsi). Avenida Senador Salgado Filho, bairro Lagoa Nova. Natal - RN. Brasil. ² Universidade de Brasília - UnB. ³ Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

Autor para correspondência/Author for correspondence: emmanoelhmf@outlook.com

RESUMO. Este artigo tem como objetivo recuperar memórias escolares-educacionais de corpos-bichas na cidade-rural de Severiano Melo/RN, e seus efeitos nos processos de subjetivação de homens gays nesta cidade. Para isso, contaremos com a escutatória enquanto ferramenta de intervenção metodológica para a recuperação destas memórias. A partir da narrativa do personagem “Galo”, um homem autoidentificado enquanto cisgênero, gay, branco e pobre que narra sua experiência de se fazer gay no território rural-urbano da cidade, será possível pensarmos sobre I) Processos formativo-pedagógicos nas famílias severianenses; II) A política de amizade como forma de resistência para sujeitos não-cisheteronormativos nas escolas; III) A urgência em discutir gênero e sexualidade nas escolas, sobretudo, em espaços rurais.

Palavras-chave: memórias escolares-educacionais, processos de subjetivação, homens gays, severiano melo/rn.

School-educational memories in the processes of subjectivation of gay men in the ci(s)dade of Severiano Melo

ABSTRACT. This article aims to recover school-educational memories of *bicha* bodies in the rural town of Severiano Melo, in the state of Rio Grande do Norte, and their effects on the processes of subjectivation of gay men in this locality. To this end, we will employ *escutatória* (deep listening) as a methodological intervention tool for the recovery of these memories. Based on the narrative of the character “Galo,” a man who self-identifies as cisgender, gay, white, and poor, and who recounts his experience of becoming gay in the rural-urban territory of the town, it will be possible to reflect on: I) formative-pedagogical processes within families in Severiano Melo; II) the politics of friendship as a form of resistance for non-cisheteronormative subjects in schools; III) the urgency of discussing gender and sexuality in schools, especially in rural contexts.

Keywords: school-educational memories, processes of subjectivation, gay men, severiano melo/rn.

Memorias escolares-educativas en los procesos de subjetivación de hombres gays en la ci(s)dad de Severiano Melo

RESUMEN. Este artículo tiene como objetivo recuperar memorias escolares-educativas de cuerpos *bichas* en la ciudad rural de Severiano Melo, en el estado de Rio Grande do Norte, y sus efectos en los procesos de subjetivación de hombres gays en esta localidad. Para ello, utilizaremos la *escutatória* (escucha profunda) como herramienta de intervención metodológica para la recuperación de estas memorias. A partir de la narrativa del personaje “Galo”, un hombre que se autoidentifica como cisgénero, gay, blanco y pobre, y que relata su experiencia de devenir gay en el territorio rural-urbano de la ciudad, será posible reflexionar sobre: I) procesos formativo-pedagógicos en las familias de Severiano Melo; II) la política de la amistad como forma de resistencia para sujetos no cisheteronormativos en las escuelas; III) la urgencia de discutir género y sexualidad en las escuelas, especialmente en contextos rurales.

Palabras clave: memorias escolares-educativas, procesos de subjetivación, hombres gays, severiano melo/rn.

Introdução

Pensar as manifestações dos preconceitos e das violências na escola, principalmente no tocante à LGBTfobia contra adolescentes não-cisheteronormativos, consiste em tecer relações proximais com o campo da saúde mental, haja vista que a produção de alteridade corrobora exponencialmente, de forma negativa, com o processo saúde-doença-cuidado da população LGBTQIAPNb+. Nesse sentido, faz-se pertinente reconhecer que as questões referentes ao gênero, às sexualidades, às raças e classes sociais são determinantes estruturais na saúde dos sujeitos, isto posto, verifica-se que as assimetrias insertadas pelo regime da cisheteronormatividade branca nomeiam o mal-estar psicossocial destes grupos específicos. Os determinantes sociais da saúde supracitados operam enquanto gestores do sofrimento de minorias sociais, neste caso, em específico, na escola, dado as séries de exposições às vulnerabilidades que a LGBTfobia e o Racismo provocam na coletividade.

Butler (2018), no sentido eminentemente social que a sexualidade pressupõe, faz uma identificação acerca do não reconhecimento coletivo de corpos que não atendem à heterossexualidade compulsória. Neste caminho, é urgente questionar quais os efeitos na produção de subjetividade que esta recusa à heterossexualidade compulsória acarreta aos corpos dissidentes nos diversos espaços coletivos, inclusive na escola. A autora infere, ainda, sobre o conceito da compulsoriedade heterossexual enquanto uma hegemonia reguladora da lei, que em um primeiro momento produz o “sujeito perante a lei” e depois o exclui/reprime pelas mesmas estruturas de poder. Para esta autora:

O sujeito é uma questão crucial para a política... pois os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por via de práticas de exclusão que não “aparecem”, uma vez estabelecida a estrutura jurídica da política. Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento. (Butler, 2018, p. 19)

Desse modo, é mister destacar que a LGBTfobia reproduzida nas escolas tem efeitos severos na evasão escolar de estudantes LGBTQIAPNb+, bem como nas tentativas de suicídio de adolescentes em conflito com sua identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e a discriminação sofrida no espaço escolar (Dinis, 2011). Desse modo, é imprescindível pensar o quanto a escola pode se configurar como uma ambiência hostil e de sofrimento inigualável, principalmente em contextos de ruralidades, para os sujeitos adolescentes em processo de descoberta de sua sexualidade e que demandam do acolhimento e aceitação social de suas identidades *sui generis*.

Isto posto, faz-se imprescindível destacar a questão da diversidade de gênero e educação nas áreas rurais do Brasil (Schwendler & Vieira, 2022), haja vista a lacuna teórica e sistemática sobre o assunto e o antigo foco dos debates acerca de gênero e ruralidades voltados para a divisão sexual do trabalho e do processo migratório de homossexuais. O trabalho de Schwendler e Vieira (2022) nos aponta para a necessidade de, como nos ensinou Paulo Freire (2014), escutar o “indizível das sexualidades camponesas” e apostar no letramento de gênero como estratégia de produção de libertação e autonomia de sujeitos LGBTQIAPNb+ no campo.

Com base no exposto, percebe-se a necessidade de refletir sobre os processos culturais que buscam configurar traços, performances e afetos, socialmente valorizados e inibir outros que, quando expressos, causam conflitos sociais para o sujeito e seu coletivo. Este modo de compreensão, fomenta uma pedagogia dos afetos ou colonização afetiva, que dita a funcionalidade dos contextos culturais e também como as pessoas com script não-cisheteronormativo devem se sentir e expressar emoções. Para que assim, estratégias de combate à LGBTfobia sejam fomentadas no contexto das ruralidades. Para isso, neste trabalho eu os convido a dizer, junto a mim, sobre nós. É preciso narrar a nossa versão sobre nós, “os monstros que vos falam”, como bem disse Preciado (2019).

Me movo com estas questões em direção ao exercício da escutatória destas “corporalidades inscritas por feridas histórica e socialmente constitutivas do mundo como nos foi dado a conhecer”, como nos alude Mombaça (2021, p. 22), de uma forma interseccional (Collins, 2020), entendendo o território-cidade-rural enquanto um determinante social produtor de saúde, cuidado e adoecimento em seus(as) habitantes, neste caso, homens gays enraizados neste chão, mas que são invisíveis nele.

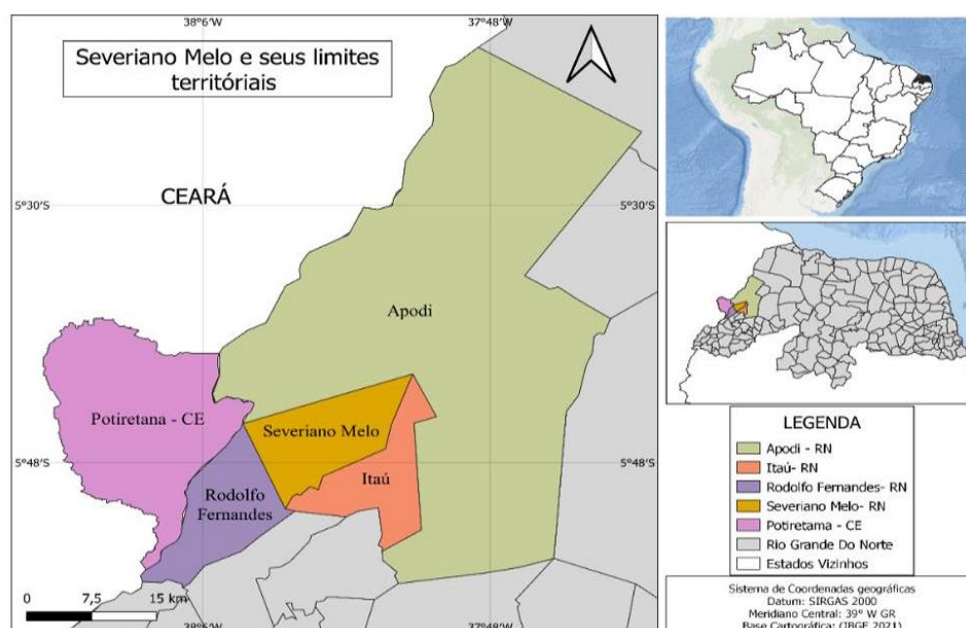
Neste sentido, a partir das questões expostas acima e dos fragmentos de narrativas construídas em meu percurso de mestrado sobre homossexualidades rurais na cidade de Severiano Melo/RN, o presente artigo busca recuperar memórias escolares-educacionais de corpos-bichas em suas passagens no ambiente escolar-educacional neste território, e seus efeitos nos processos de subjetivação de homens gays nesta cidade.

De que cidade estamos falando?

Bom lugar, assim nomeado em seu princípio, localizava-se nas proximidades de um riacho de Malhada Vermelha - Zona Rural hoje pertencente a Severiano Melo/RN -, tinha por proprietário Raimundo Fernandes e o pastoril como principal atividade econômica. Anos

depois, essa propriedade foi vendida aos irmãos Severiano Melo, Vicente Melo, Janjoca Melo, Francisco Melo e José da Costa Melo. Com o passar do tempo, em meados de 1929, o povoado cresce com o advento da agricultura, em especial do cultivo do algodão, e da pecuária, com o aumento significativo de residências e a fundação de uma escola pública. Todavia, somente em 1963, através da Lei nº 2.991, Bom Lugar desmembra-se de Itaú e se torna município independente, agora com nome Severiano Melo, em homenagem a um dos irmãos que compraram Bom Lugar, sendo este considerado até hoje o fundador da cidade.

Figura 01: Localização do Município de Severiano Melo no Rio Grande do Norte, Brasil.



Fonte: Araújo (2022)

Hoje município, Severiano Melo possui uma área territorial de 157,85 km² e está localizada no interior do Rio Grande do Norte (RN), no Nordeste brasileiro, na mesorregião oeste potiguar, a 357km de distância de Natal, capital do estado, e com população estimada de 5.487 habitantes - com densidade demográfica de 34,76 habitantes por quilômetro quadrado -, considerando o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2022 (IBGE, 2022). Possui clima semiárido e sua economia é movimentada pelo setor agrícola, principalmente pelo plantio e exportação do cajú.

É preciso dizer que Severiano Melo teve uma redução populacional de 9,01%, entre os anos de 2014 e 2015, sendo a maior no País (IBGE, 2015). Os fatores que justificam esse resultado são os óbitos decorrentes do envelhecimento populacional e dos processos migratórios para cidades circunvizinhas, como o município de Mossoró - há 108km de distância

de Severiano -, em busca de emprego e melhores condições de vida. A sede da cidade conta com 4 escolas, sendo 3 delas públicas, com oferta de tempo integral, ensino fundamental, médio e técnico, acolhendo estudantes da zona rural e urbana. Ademais, o município ainda conta com mais 4 unidades de ensino na zona rural, e uma instituição privada que atende os níveis de creche, Ensino Fundamental I e II.

Figura 01: Escola Estadual Severiano Melo



Fonte: Google.

Figura 02: Escola Municipal Ricardo Sérgio de Melo



Fonte: Google.

Isto posto, podemos inferir que, apesar de se tratar de uma cidade-rural, com baixa densidade demográfica (IBGE, 2022), a presença de 8 instituições de ensino, sendo 7 destas instituições públicas, aponta para uma importante presença da educação pública na cidade, com vistas a garantir o acesso à educação de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos moradores(as) da cidade. É preciso destacar, nesse cenário, a disponibilização de transporte público para que seja possível o deslocamento dos(as) estudantes às suas respectivas escolas dentro do território severianense, bem como a oferta deste transporte para estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) que residem na cidade, mas que estudam em cidades vizinhas, à exemplo de Apodi/RN e Pau dos Ferros/RN.

Esse conjunto de elementos aponta para uma articulação no cenário da política pública de educação no município, na medida em que não se restringe à oferta formal de vagas escolares, mas investe em condições concretas de acesso e permanência. Em um território de características rurais, marcado pela dispersão populacional e por distâncias significativas entre comunidades, a presença majoritária de instituições públicas sugere um compromisso do poder público com a universalização do ensino, funcionando como um eixo organizador da vida social local, muito embora seja possível identificar inúmeras dificuldades e necessidades de melhorias presentes também no âmbito desta política municipal, tais como a precarização da infraestrutura física de algumas unidades escolares, a limitação de recursos didáticos e tecnológicos, a escassez de profissionais para lecionarem áreas específicas e a limitada oferta de educação continuada para profissionais da educação, sobretudo, acerca das temáticas de gênero, sexualidades e raça.

Todavia, a garantia de transporte público escolar, tanto para deslocamentos internos quanto para o acesso ao ensino técnico e superior em cidades vizinhas, indica uma ampliação do alcance dessas políticas, que passam a contemplar diferentes etapas e trajetórias educacionais. Esse movimento revela uma compreensão da educação como um direito contínuo, que ultrapassa os limites geográficos do município e busca assegurar que estudantes possam acessar oportunidades formativas mesmo fora de seu território de origem.

Ao mesmo tempo, esse arranjo evidencia que o fomento à educação, nesse contexto, depende de uma articulação entre diferentes dimensões da política pública, envolvendo não apenas a manutenção de escolas, mas também investimentos em mobilidade, infraestrutura e cooperação intermunicipal. Assim, mais do que a simples existência de equipamentos

educacionais, o que se observa é a construção de uma rede de sustentação da escolarização, que, ainda que atravesse desafios, sinaliza a educação como uma prioridade política e como um mecanismo estratégico de inclusão social e de ampliação de horizontes para a população local.

Vide o cenário educacional da cidade, a seguir iremos compartilhar algumas memórias construídas em torno dessas experiências educativas, evidenciando como homens gays severianenses significam a escola, os percursos formativos e as condições de acesso à educação em um território de cidade-rural.

Metodologia

“Na escola sempre foi meio complicado. Porque eu tive experiências tanto na zona rural quanto na urbana. E... Pelo fato de eu ser uma criança afeminada, tipo uma criança que sempre gostou do universo feminino, sempre buscou estar dentro de... dentro da moda, da... Aquelas coisas, né? Então sempre teve muito, muito preconceitos(...)E eu só vi que realmente, eu não estou errado, realmente, tudo o que eu penso, tudo o que eu acredito estar correto foi quando eu adentrei a universidade. Quando eu entrei dentro da universidade, eu vi que tudo era normal. Eu poderia ser quem eu quisesse.”

O trecho acima trata-se de uma vinheta de um trabalho de escuta feito durante o meu percurso de mestrado, no qual busquei fiar escrevivências coletivas a partir do acompanhamento de experiências de homens gays rurais no tocante aos modos de subjetivação, práticas de resistência e de cuidado na cidade. Na dissertação, utilizamos o processo de andarilhagens no fazer metodológico, que consistia, em um compromisso de andarilhar junto aos pesquisadores-participantes na tentativa de interrogar sobre quais caminhos são percorridos geograficamente e subjetivamente por corpos-bichas na cidade de Severiano Melo e de que formas estes corpos questionam em ato o projeto cis-heteronormativo da cidade (Holanda, 2026).

O método foi dividido em dois tempos: I) A nossa inserção no campo, utilizando-se de um diário de um campo de memórias que é um texto invisível a ser construído pelo pesquisador (Lourau, 1988), e que revelam as implicações do pesquisador e realizam restituições insuportáveis à instituição científica (Lourau, 1993) e II) Escutas individuais dos pesquisadores-participantes.

Para isso, contamos com a escutatória enquanto ferramenta metodológica e de intervenção, a qual assumirá um papel de centralidade no recorte deste artigo, haja vista ser uma escrita que recupera, a partir de uma narrativa escutada, as experiências de um homem gay na escola, sendo esse um dos efeitos do tempo de escutatória na pesquisa de mestrado. Para

além disso, a escutatória opera como sendo um dispositivo de desinstitucionalização do silenciamento das masculinidades não-cisheteronormativas em Severiano Melo. Escuta-se na tentativa de produzir o efeito de que o outro fale e de que algo seja enunciado. E em sendo enunciado, seja no dito, no não-dito e/ou na performance do corpo e da cidade, o escutador - aquele que se posiciona enquanto alguém que tem interesse em escutar sobre algo - ocupe-se em acolher esses enunciados, espelhando ao sujeito e/ou à cidade seus ditos, fazendo com que esses se escutem, como numa espécie de eco (Holanda, 2026).

Nesse sentido, apostamos na narrativa oral por entender, em primeira instância, o método de pesquisa como uma escolha política, como nos lembra Martinelli (2014) e, em segunda instância, a necessidade em construir documentos contra coloniais capazes de narrar a história de quem as conta. Ou seja, a partir da escuta das marcas da oralidade, memórias são fomentadas a fim de explorar processos de subjetivação os mais diversos, os quais são atravessados pelo tempo e pelas intersecções socioespaciais inerentes ao cotidiano vivo. Isto posto, atribuímos a esse método uma possibilidade de contar histórias de masculinidades não-cisheteronormativas – com os sentidos e significados dos próprios sujeitos - em uma cidade-rural no interior do Estado do Rio Grande do Norte, na tentativa de fragmentar as produções cisheteronormativas no campo científico das dissidências.

As escutas foram gravadas, transcritas e passaram pelos seguintes procedimentos: 1) Análise das entrevistas transcritas; 2) Leitura do material e construção de eixos temáticos de análise que perpassa as práticas discursivas das participantes; 3) delimitações temático-sequenciais; 4) construção de mapas e de linhas narrativas dos(as) participantes sobre determinados eixos temáticos; 5) mediante leitura exaustiva das informações registradas, serão delimitados alguns núcleos temáticos, os quais serão articulados e confrontados com o referencial teórico produzido durante todo o processo da pesquisa.

As escutas ocorreram em espaços da cidade escolhidos pelos próprios pesquisadores-participantes. Compreendeu-se que essas escutatórias só foram possíveis mediante a construção de um ambiente simbólico de conforto e segurança, ou seja, a partir de uma geografia urbana onde os sujeitos se sentissem acolhidos para narrar suas trajetórias e memórias.

Consoante a Portelli, urge pensar que “a memória não é apenas um lugar para recordar” (2002, p. 28), mas uma forma de apreender a dinâmica social como processo histórico em constante transformação, bem como uma oportunidade de conhecer as micro tramas da vida cotidiana (Martinelli, 2014). Esse método, também, permite lançar um olhar político sobre o

passado de forma aguçada (Sarlo, 2005), lembrando-nos que se faz imprescindível reconhecer e respeitar o autêntico que é narrado, a voz, as palavras do sujeito e como elas foram ditas (Martinelli, 2014).

A cena compartilhada acima faz um preâmbulo sobre a narrativa monstruosa dessa criança afeminada em uma escola rural. O galo, como assim irei nomear este sujeito, e cujo pseudônimo lhes fará sentido à frente, trata-se de ser um homem autoidentificado enquanto cisgênero, gay, branco e pobre que narra sua experiência de se fazer gay no território rural-urbano de Severiano Melo. Em sua andarilhagem no ambiente escolar, depara-se com uma dinâmica de gênero cisheterocentrada e homofóbica aplicada ao seu corpo de criança dissidente afeminada.

Muito embora em sua narrativa o galo expresse que isso não mais lhe afete, penso que vivenciar a hostilidade contra o seu próprio corpo, num processo escolar-educacional, em um período imprescindível para a constituição subjetiva de um sujeito, tal como a infância, não é sem efeitos. À exemplo da cena, podemos perceber de como a construção discursiva, nesta instituição de ensino rural, sobre o corpo-errado e sua consequente alocação às crianças dissidentes de sexo/gênero, produz uma colonização pedagógica sob o corpo do galo, bem como uma colonização pedagógica coletiva na instituição acerca dos pensamentos socialmente elaborados, compartilhados e viabilizados como práticas educativas sobre diversidade sexual e de gênero em Severiano Melo.

A criança afeminada cresce convivendo a partir da contestação de si e somente anos depois consegue ter acesso a discussões outras, fora do seu território de crescimento. Ou seja, somente a partir de um processo de desterritorialização e reterritorialização (Haesbaert, 2007) que o sujeito consegue - de forma parcial, talvez - também se des/re/territorializar. Para o galo, o ingresso no curso de licenciatura em geografia, aparece simbolicamente aqui como essa possibilidade de se realocar enquanto sujeito de corpo e de direitos. Dessarte, não podemos deixar de vista a discussão trazida pelo galo nesse relato sobre a educação como um feitiço de libertação, em que a universidade abre brechas para que o corpo tutelado pelo olhar da cidade-rural pudesse, enfim, experimentar uma vida outra, questionando as verdades impostas pelo território e possibilitando a construção de espaços possíveis para a garantia de direitos de um gay afeminado.

Vejamos um pouco mais da sua história a seguir.

Discussão e Análise

Lá vem o galo, cantando o dia

O galo é aquele que anuncia a chegada do sol. Ávido em sua comunicação, desperta primeiro e adianta-se para dizer que o dia já começou. Nesse ímpeto, infla o peito e diz. Recorro à Guimarães Rosa, em *Grande Sertões: Veredas* (1956), de quem eu há algum tempo aprendi que o que a vida quer da gente é coragem. Nesse sentido, penso que se encarregar de ser o primeiro a acordar e anunciar a possibilidade de um novo amanhecer, enquanto muitos dormem, é uma tarefa e tanto.

Não obstante, a tarefa do galo não para por aí. A frase “Lá vem o galo, cantando o dia” que intitula essa sessão, é o trecho inicial da música “O canto do galo”, que ganha interpretação na voz de Elba Ramalho e está associada ao carnaval do Recife, de modo específico, ao bloco “O galo da madrugada”. Em sua letra, o trecho “Lá vem o Galo, cantando o dia, chamando a gente com alegria” comunica uma alvorada da felicidade enquanto gesto político de quem, para estar vivo, faz carnaval.

Para anunciar a festa do carnaval, o galo é condecorado no lugar de majestade. As cores, as formas e os exageros que o compõem, celebram a estética do excesso carnavalesco. Essa operação torna visível aquilo que costuma ser empurrado para as bordas, afirma como majestade o corpo que performa diferentemente e que, no carnaval, encontra seu ápice de existência pública. Nesse movimento, condecorar é autorizar o corpo dissidente a ocupar o centro da cena. Um corpo que, ao se erguer, ocupa em sua dissidência a forma soberana e possível de aparecer. É como se o carnaval, ao convocar seu monarca emplumado, anunciasse um pacto coletivo de insurgência estética e política, uma insubmissão ritualizada em que a existência se afirma pela alegria, não pela obediência. O galo, portanto, não apenas desperta o dia: ele desperta a cidade para si mesma, lembrando-lhe que também pode ser território de delírio, invenção e dissenso. Em suma, podemos dizer que o galo instaura uma espécie de prólogo que desafia a moral diurna.

Isto posto, a pessoa de quem vos falo também é marcada por ser o primeiro a despertar dos escombros da noite e a dizer de como é ocupar o mundo sendo um homem gay na cidade-rural de Severiano Melo/RN. Ao contar sobre a sua história, ele sempre me fez questão de marcar que nunca teve, sequer, a possibilidade de esconder quem era, nunca teve para si essa tecnologia de defesa. Seus trejeitos sempre anunciaram uma gramática outra de performar gênero, antes mesmo de que ele próprio soubesse o que era isso. Crescer sendo nomeado como

outro pelo outro lhe exigiu se familiarizar muito rapidamente com sua existência *queer*. Diz ele:

“... desde cedo, eu aprendi que ser gay em severiano, é muito diferente de uma cidade grande, porque aqui tem muitos olhos pra lhe julgar, pelo fato de ser uma cidade pequena, todo mundo conhece o mundo. Então, ah, o filho de fulana é viado”.

Na familiarização com o julgamento desde cedo, me parece ter sido necessário se aliar à coragem como tecnologia de resistência para o uso cotidiano. À princípio, por vivenciar um contexto familiar violento, em que a relação dos seus pais nunca foi harmoniosa, tendo que, por medo, sair de casa com sua mãe. Foi criado por sua mãe e por sua avó, no Sítio Boa Vista, comunidade rural da cidade de Severiano Melo/RN, pessoas responsáveis pelo seu primeiro processo pedagógico de ensino-aprendizagem, com as quais aprendeu a disciplina da coragem - esta que só poderia ter sido bem ministrada por corpos-sujeitos de mulheres nascidas e criadas em um território rural machista em que o feminino, ao passo que sofre inúmeros processos de violência, está associado ao cuidado nestes contextos e precisa elaborar saberes de resistência nesse cenário, como nos lembra Connel (1995).

Um menino afeminado que sempre se afeiçoou ao universo feminino, desde à moda às questões de beleza - e que se configura hoje como trabalho na vida adulta. O galo me conta que gostava de meninos desde pequeno; nunca precisou anunciar isso em casa, porque sua mãe pareceu sempre saber. No começo, ela até estranhou, tentou ajustar algo que não precisava ser ajustado, mas o tempo fez dela uma apoiadora firme - “ela é apoiadora das gays de Severiano Melo”, ele brinca. Com o pai, no entanto, o caminho foi outro. O homem nunca quis um filho gay. Renegou, se afastou e foi embora.

Me relata ainda que sente muita falta dos seus amigos de infância, pois cada um deles precisou ir morar em uma cidade diferente para fazer faculdade e/ou trabalhar, enquanto ele permaneceu morando em Severiano, já que cursou graduação na cidade vizinha. Apesar disso, tem construído vínculos familiares com suas parcerias de trabalho, as quais hoje consegue localizá-las como também parte da sua rede de apoio na cidade. Ainda sobre seus amigos, ele diz:

os meus amigos, são os meus amigos há dez anos, quinze anos, né? Então, são meus amigos desde sempre. E isso faz com que a gente veja a vida de um modo mais alegre, sabe porquê? Porque tudo se torna muito fácil quando a gente tem alguém que partilha as mesmas coisas. Porque os meus amigos são tudo viado e sapatão... Eu e os meus amigos, a gente sempre foi assim... nós somos os pioneiros nessa cidade. Então, nós barbarizávamos nas festas, sabe, nós éramos o centro das atenções, sabe? No outro dia os outros só falavam sobre a gente e eu achava isso muito popular. E isso fez com que cada dia a gente fosse se tornando mais amigos.

E hoje, muitos... tipo assim, muitos adolescentes - porque eu trabalhei um ano na educação como professor- vêm a gente e dizem assim: “xii, olhe aí, eles tem coragem”. Sabe? E é gratificante saber que mesmo com a pouca idade que a gente tem, a gente tem o discernimento de ‘ser eu’, de saber conviver com a sexualidade e mostrar o seu potencial para a sociedade, sabe?

A possibilidade de crescer numa cidade-rural possibilita que muitos vínculos sejam estreitados desde a infância de cada pessoa. Esse relato evidencia a amizade não somente como lugar de afeto, mas como possibilidade pedagógica de construção de um modo de viver a partir da felicidade. Felicidade não como um ideal inalcançável e neoliberal, mas como uma micropolítica do cotidiano que se produz em rede (Rolnik, 2016). Outrossim, o Galo destaca seu orgulho em, junto aos seus, serem os primeiros LGBTQIAPN+ na cidade. E como dito antes, é preciso ter muita coragem para isso. Todavia, é possível ver também que é a partir da coragem dos que vieram antes que outras pessoas encontram a possibilidade de viverem suas orientações sexuais e identidades de gênero no território de severiano.

No relato, o gallo ressalta sobre a sua breve passagem enquanto professor da rede pública de ensino da cidade. Neste período, ele nos relata sobre como os(as) jovens comentavam sobre a coragem dele e de seus amigos em sustentarem uma posição de tensionamento contra-hegemônico das normas de sexo/gênero na cidade. Nesse sentido, penso que a própria presença deste corpo bicha enquanto profissional da educação, possibilita que outras formas de reconhecimento sejam inauguradas, sobretudo para estudantes que, ao se depararem com essa figura, passam a vislumbrar possibilidades de vida antes interditas ou silenciadas.

Nesse sentido, entendendo a política educacional como não-neutra, podemos inferir sobre um processo institucional pautado no heterossexismo (Rabelo, 2021), de modo que a heterossexualidade é desenhada no lugar de superioridade enquanto a homossexualidade é colocada sob a subordinação, mais ainda, dos primeiros contatos de alguns docentes com o preconceito. À exemplo das experimentações da violência por docentes gays na educação infantil, Rabelo (2021) traz em seu artigo recortes de falas de professores entrevistados:

Uma mãe chega e fala assim ou você tira essa – desculpe o termo – ou tira essa “bicha preta” da escola, ou eu tiro meus filhos daqui. (p. 363)
Homem que faz magistério é bicha, veado, gay etc... e, principalmente, sem perspectivas futuras (p. 365)

Estas narrativas nos permitem inferir sobre as tecnologias de poder presentificadas nos discursos cis-heteronormativos, apoiadas e encobertas pelas Instituições de Ensino, que corroboram veementemente na produção de fatores estressores para as minorias sexuais e de

gênero. Desse modo, devemos levantar algumas questões: a rede municipal severianense dispõe de diretrizes explícitas para o enfrentamento da LGBTfobia no ambiente escolar? Existem formações continuadas que preparem gestores e docentes para lidar com gênero e sexualidade de forma crítica e ética? Como são tratados episódios de discriminação envolvendo professores ou estudantes LGBT+? Há canais institucionais de escuta e proteção efetiva? Os materiais pedagógicos e o currículo contemplam a diversidade ou operam pelo silenciamento? E, ainda, de que maneira a gestão municipal sustenta, ou fragiliza, a permanência de profissionais que tensionam normas hegemônicas no cotidiano escolar?

A partir das questões tecidas acima, sobre o processo de letramento de sexo/gênero nas escolas, o galo comenta:

Eu não tenho uma lembrança nenhuma de ter uma conversa dentro de casa, né, e nenhuma conversa no momento escolar. Não, acho que nunca tive, sabe, tipo, esse momento de aberto, e falar de homossexualidade, sabe?

Isto posto, podemos inferir que, em escolas situadas em contextos rurais, como é o caso desta instituição a qual o galo nos conta, os saberes sobre gênero e sexualidade tendem a ser produzidos de forma difusa, muitas vezes atravessados por valores tradicionais, religiosos e comunitários que reforçam a heteronormatividade como regra silenciosa. Além disso, tem-se a forte presença de uma cultura heteronormativa e sexista torna a escola um lugar de produção de desigualdades e violências (Negreiros, Pereira Neto & Araújo, 2023).

A ausência de abordagens críticas e sistemáticas sobre essas temáticas no currículo não significa, portanto, neutralidade, mas, ao contrário, contribui para a consolidação de normas rígidas sobre o que é considerado “aceitável”. Nesse cenário, piadas, silenciamentos e práticas de exclusão acabam funcionando como dispositivos pedagógicos informais, ensinando quais corpos e desejos podem circular com legitimidade. Os efeitos disso se manifestam diretamente nos processos de saúde-doença, na medida em que sujeitos dissidentes passam a vivenciar sofrimento psíquico, isolamento e vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que a LGBTfobia se naturaliza como parte do cotidiano escolar. Assim, a escola, que poderia operar como espaço de cuidado e ampliação de horizontes, acaba, por vezes, reproduzindo desigualdades e contribuindo para a manutenção de violências simbólicas e materiais.

O galo nos conta

Eu sempre estudei dentro de um grupo sapatão e viado. Entendeu? Então, meio que pra não viver aquilo sozinha, a gente se juntava com pessoas que eram do mesmo jeito pra que a gente

não passasse por coisas sozinhas. Porque é muito complicado principalmente na adolescência. Porque a adolescência, numa cidade pequena, a gente sabe que existem grupos heteros e homofóbicos que vão sempre fazer piadinhas e de um certo modo quando a gente tem um grupo que possa ajudar a gente. A gente de um certo modo nem liga, a gente só vive. A gente que consegue manter a gente aqui.

Desde cedo, a experiência de pertencimento se constrói a partir da proximidade com outras pessoas que compartilhavam vivências semelhantes. Estar inserido em um grupo de “sapatão e viado”, como nomeado de forma direta, não era apenas uma coincidência, mas uma estratégia afetiva e social de sobrevivência. Ao se reunir com quem também atravessava as mesmas tensões, criava-se um espaço de reconhecimento mútuo, onde não era necessário explicar-se o tempo todo nem lidar sozinho com o peso das diferenças. Esse agrupamento funcionava como uma espécie de política de amizade (Leite, 2008), onde a existência podia se dar com mais leveza, mesmo diante de um contexto externo hostil.

Na adolescência, a escola se torna um território particularmente sensível, onde pertencimento e rejeição caminham lado a lado como duas forças disputando o mesmo corpo. É nesse período que a necessidade de aceitação ganha contornos mais intensos, enquanto as normas sociais sobre gênero e sexualidade se impõem de maneira mais rígida e visível. Em uma cidade pequena, isso se amplifica: os olhares circulam rápido, os rótulos grudam com facilidade, e qualquer desvio do esperado vira comentário de corredor. Assim, para adolescentes que fogem à norma heterossexual, a escola pode deixar de ser apenas um espaço de aprendizagem formal e se transformar em um campo de tensões constantes, onde existir exige atenção, estratégia e, muitas vezes, silêncio (Gagliotto & Lembeck, 2011).

É nesse cenário que o grupo de pares assume um papel ainda mais decisivo. Não se trata apenas de companhia, mas de uma forma de sustentar a própria presença naquele ambiente. Estar junto de outros que compartilham experiências semelhantes permite diluir o peso da exposição e criar pequenas brechas de liberdade (Leite, 2008), neste caso, dentro da rotina escolar. Entre conversas, risadas e cumplicidades, constrói-se um espaço onde a identidade pode respirar sem tanta contenção. Dessa forma, o grupo não só protege, mas também possibilita que a adolescência seja vivida para além do medo, afirmando modos de existir que resistem, mesmo quando o entorno insiste em restringi-los.

Diante dessa experiência escolar atravessada por tensões e pela necessidade de criar estratégias de pertencimento, chama atenção também a ausência de espaços institucionais de diálogo sobre gênero e sexualidade (Gagliotto & Lembeck, 2011). Nem na escola, nem em casa,

parecem ter existido momentos de escuta, orientação ou abertura para que essas questões pudessem ser elaboradas de forma compartilhada. Esse silêncio, longe de ser neutro, produz efeitos concretos na forma como o sujeito passa a compreender a si mesmo, deslocando para o âmbito individual um processo que poderia ser coletivo e mediado (Butler, 2017). Assim, o reconhecimento da própria sexualidade vai sendo construído de maneira solitária, por meio de experiências, percepções e referências dispersas, em um percurso de autocompreensão que se dá apesar da ausência de interlocução, e não com o seu apoio.

“Eu procurei ser bom em tudo o que eu faço, se eu não consigo ser muito bom, eu consigo fazer o meu melhor, pra que não digam ‘olhe, o viado não faz as coisas certo’”, diz ele. É interessante pensarmos que um movimento compensatório aparece exatamente no ponto em que a nossa conversa se encaminha para localizar as práticas de resistência de um corpo marcado no campo do excesso. Em quais esferas podemos errar? De quais maneiras podemos resistir sem que isso nos consuma e nos faça sumir de nós mesmos? Recordo de Preciado (2020), quando amorosamente, escreve para os seus “corajosos iguais”, como assim nomeia, e nos convida a perdermos a coragem, nos deseja que nos falte forças para repetir a norma e que sejamos frágeis, porque a revolução atua na fragilidade. Penso que para ser frágil é preciso ter muita coragem; coragem de contrapor o que se espera, também, de um movimento político de contestação que deve ser produzido por nós. Como se já não bastasse tantos outros movimentos feitos...

Ao construir uma noção sobre o que é masculinidade para si, diante da sua circularidade no espaço da cidade, me diz: “eu sou muito mais homem do que certos homens”. Penso que se dar conta de sua masculinidade contra hegemônica, lhe permite identificar um modo possível de existir na cidade apesar dos efeitos coloniais da emasculação, que exige uma performance cisgênera para homens (Segato, 2016). Assim, o galo encerra sua narrativa não como quem encontra uma resposta, mas como quem produz um gesto de reconstrução do próprio corpo, da sua masculinidade que não se ancora na dureza, mas na vulnerabilidade corajosa, e do deslocamento de uma norma. Entre práticas compensatórias, medos ontológicos e tentativas de sobrevivência, ele inventa uma política do cotidiano que contesta as expectativas da cidade, mostrando que resistir não é performar perfeição, e sim o próprio exercício de viver, apesar dos efeitos da matriz de sexo/gênero operante no cotidiano. Seu corpo-bicha, marcado pelo excesso, produz vida ao desafiar o método-silêncio, e é nessa insistência que lhe é possível seguir anunciando com o seu canto o começo de um novo dia.

Considerações Finais

Enquanto intervenção-pesquisa, pude visualizar ao correr dessa construção coletiva a implicação deste pesquisador-participante na construção desse saber bicha a partir de suas memórias, histórias de vida e modos de circular nesse território, neste caso, especificamente, em suas memórias escolares, me ensinando e me fazendo visualizar incisões micropolíticas no cotidiano de uma cidade que, de forma bastante colonial, pode ser lida como um território atrasado onde as questões de gênero e sexualidade estão completamente despresentificadas.

Inserir a pesquisa nesse território é seguir fazendo torções e facilitando deslocamentos de noções coloniais cisheteronormativas sobre sujeitos dissidentes de sexo/gênero. Ademais, construir espaços de dizibilidade, agrupar-se para pensar/discutir/elaborar/construir saídas outras e dignas para homens gays violados pela norma emasculadora da ci(s)dade, produzindo formas de vinculação, de cuidado e de sustentação identitária de uma masculinidade outra para conduzir conjuntamente essa pesquisa, são tecnologias de alto custo desenvolvidos nesse percurso.

Ainda, é interessante perceber como a política de amizade aparece como uma das estratégias de resistência mais presentes e compartilhada entre o pesquisador-participante. É através dela que é possível dizer algo sobre si e provocar tensionamentos políticos e existenciais nas normativas da cidade. As memórias escolares-educacionais aparecem durante a escuta compartilhada aqui como uma possibilidade de libertar-se das vivências coloniais aprendidas nas respectivas infâncias do narrador.

Em síntese, no contexto de uma cidade-rural, a educação emerge como um dos principais dispositivos de produção de subjetividades entre homens gays, operando simultaneamente como espaço de regulação e de possibilidade. Se, por um lado, a escola tende a reproduzir normas heterocisnormativas, silenciando ou marginalizando dissidências, por outro, sua capilaridade no território e sua centralidade na vida social a tornam um campo estratégico para a abertura de brechas e a construção de outras formas de existir. A presença de sujeitos que tensionam essas normas, aliada a políticas educacionais que garantam acesso, permanência e reconhecimento, pode produzir deslocamentos importantes nos modos como esses homens se percebem e são percebidos. Assim, a educação, nesse cenário, não apenas transmite conteúdos, mas participa ativamente da constituição de horizontes de vida, podendo tanto restringir quanto expandir as possibilidades de subjetivação e de pertencimento social.

Dessarte, os impactos das memórias escolares no processo de subjetivação de homens

gays em Severiano Melo revelam um campo atravessado por ambivalências, no qual a escola atua tanto como instância de normatização quanto como espaço potencial de abertura. A ausência ou fragilidade de políticas municipais voltadas à discussão de gênero e sexualidade contribui para a manutenção de silenciamentos, reforçando padrões heteronormativos que limitam as possibilidades de reconhecimento e pertencimento desses sujeitos. Por outro lado, é justamente nesse cenário que emergem experiências que tensionam tais limites, evidenciando que a educação, mesmo quando não intencionalmente inclusiva, produz efeitos que extrapolam o currículo formal. Assim, torna-se evidente que a construção de políticas educacionais comprometidas com a diversidade não é apenas uma demanda ética, mas uma condição fundamental para ampliar horizontes de existência, possibilitando que homens gays possam constituir suas subjetividades de forma mais livre, legítima e socialmente reconhecida, inclusive em contextos de cidade-rural.

Referências

- Butler, J. (2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Autêntica.
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero*. Civilização Brasileira.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial.
- Connel, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185–206.
- Dinis, N. F. (2011). Homofobia e educação: Quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, 39, 39–50. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000100004>
- Gagliotto, G. M., & Lembeck, T. (2011). Sexualidade e adolescência: A educação sexual numa perspectiva emancipatória. *Educere Et Educare*, 6(11), 1–12. <https://doi.org/10.17648/educare.v6i11.4802>
- Haesbaert, R. (2007). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade* (3. ed.). Bertrand Brasil.
- Holanda, E. M. F. (2026). *“Mais coragem do que homem”: narrativas e resistências de homens que se fazem gays na cidade-rural de Severiano Melo/RN* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da UFRN.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01.07.2015*. ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_dou_2015.pdf

Leite, J. F. (2008). *A militância em movimento: amizade e maquinação de modos de existência no MST* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17581>

Lourau, R. (1988). *Le journal de recherche: matériaux pour une théorie de l'implication*. Méridiens-Klincksieck.

Martinelli, M. L. (2014). *História Oral: exercício democrático da palavra*. PUC-SP.

Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Cobogó.

Negreiros, F., Pereira Neto, A. A., & Araújo, M. G. N. (2023). Contribuições e possibilidades da atuação em Psicologia Escolar Crítica diante da população LGBTQIA+. In F. Negreiros & R. Alexandrino (Orgs.), *Psicologia Escolar e Educacional & População LGBTQIA+* (pp. 17–38). Alínea.

Portelli, A. (2000). Un lavoro di relazione: osservazioni sulla storia orale. *Ricerche Storiche Salesiane*, 36, 125–134.

Preciado, P. B. (2019). Eu sou o monstro que vos fala. In *Conferência congresso AMP: Mulheres em psicanálise*.

Preciado, P. B. (2020). *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Jorge Zahar.

Rabelo, A. (2021). A homofobia contra o professor "primário" do sexo masculino. *Revista Artemis*, 31(1), 354–367. <https://link.gale.com/apps/doc/A669313707/AONE?u=anon~e8b0028c&sid=googleScholar&xid=116baa36>

Rolnik, S. (2016). *A hora da micropolítica - Entrevista Suely Rolnik*. Goethe Institut. Recuperado em 30 de setembro de 2016, de <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html>

Rosa, J. G. (2019). *Grande sertão: veredas*. Companhia das Letras.

Sarlo, B. (2005). *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação* (R. P. Goldoni & S. Molina, Trans.; 1. ed.). Editora da Universidade de São Paulo.

Schwendler, S. F., & Vieira, E. R. P. (2022). Diversidade de gênero e educação nas áreas rurais do Brasil. *Cadernos Pagu*, 64, Artigo e226404. <https://doi.org/10.1590/18094449202200640004>

Segato, R. L. (2016). Colonialidad y patriarcado. In *La guerra contra las mujeres* (pp. 109–126). Traficantes de Sueños.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 30/04/2026
Aprovado em: 17/05/2026
Publicado em: 11/07/2026

Received on April 30th, 2026
Accepted on May 17th, 2026
Published on July, 11th, 2026

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Holanda, E., Dantas, C., & Amorim, B. (2026). Memórias escolares-educacionais nos processos de subjetivação de homens gays na ci(s)dade de Severiano Melo. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 11, e20626.

ABNT

HOLANDA, E.; DANTAS, C.; AMORIM, B. Memórias escolares-educacionais nos processos de subjetivação de homens gays na ci(s)dade de severiano melo. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 11, e20626, 2026.